

Oliver Cann, Engajamento Público, Tel.: +41 79 799 3405; E-mail: Oliver.Cann@weforum.org

Além de nossa existência: perspectivas para atingir a igualdade de gênero no local de trabalho atingem o ano 2186

- O *Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016* do Fórum Econômico Mundial constata que a paridade econômica entre os sexos pode levar 170 anos, após um dramático desaceleramento no progresso.
- Desaceleramento, em parte, devido aos desequilíbrios crônicos em salários e na participação na força de trabalho apesar do fato de, em 95 países, as mulheres terem frequentado a universidade em números iguais ou superiores aos dos homens.
- Os países da América Latina mais bem colocados são Nicarágua (10), Bolívia (23) e Costa Rica (32). O desempenho das maiores economias – Argentina (33), México (66), Chile (70) e Brasil (79) – é variado.
- Acesse ao relatório completo, infográficos, vídeos e mais [aqui](#)

Genebra, Suíça, 26 de outubro de 2016 – O mundo está enfrentando um mal-uso agudo de talento ao não agir mais rápido para enfrentar a desigualdade de gênero, que pode colocar o crescimento econômico em risco e privar economias da oportunidade de se desenvolverem, conforme o [Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016](#), do Fórum Econômico Mundial publicado hoje.

O relatório é um exercício de benchmarking anual que mede o progresso em direção à paridade entre homens e mulheres em quatro áreas: Acesso à educação, Saúde e Sobrevivência, Oportunidade Econômica e Empoderamento Político. Nesta última edição, o relatório observa que o progresso em direção à paridade no pilar econômico chave diminuiu dramaticamente com a desigualdade – que está em 59% – sendo maior agora do que em qualquer altura desde 2008.

Por trás desse declínio está um número de fatores. Um deles é o salário, com mulheres ao redor do mundo ganhando, em média, pouco mais da metade que os homens ganham, apesar de trabalharem, em média, mais horas, levando em consideração trabalho remunerado e não remunerado. Outro desafio persistente é a participação na força de trabalho estagnada, com uma média global de 54% para mulheres, comparada com 81% para homens. O número de mulheres em altos cargos também se mantém persistentemente baixo, com apenas quatro países no mundo tendo igual número de legisladores, oficiais de alto escalão e gerentes homens e mulheres, apesar do fato de 95 países agora terem tanto quanto, se não mais, mulheres com educação em nível universitário.

Em 2015, as projeções baseadas nos dados do Relatório de Desigualdade de Gênero sugerem que a lacuna econômica pode ser fechada dentro de 118 anos, ou em 2133. No entanto, o progresso foi revertido desde então, tendo atingido seu pico em 2013.

Além da economia, a disparidade educacional de gênero fechou 1% em relação ao ano passado, chegando a 95%, fazendo dessa uma das duas áreas onde mais progresso tem sido feito até o momento. Saúde e Sobrevivência, o outro pilar que fechou 96% da sua lacuna, deteriorou-se minimamente. Dois terços dos 144 países avaliados no relatório deste ano podem, agora, reivindicar que fecharam completamente sua lacuna de proporção de sexos no nascimento, enquanto mais de um terço fechou completamente a lacuna em termos de expectativa de vida saudável.

O pilar onde a desigualdade de gênero permanece grande, o Empoderamento Político, é também o que apresenta a maior quantidade de progresso desde que o Fórum Econômico Mundial começou a medir a disparidade de gênero em 2006. Esse pilar está agora em 23%, 1% maior que em 2015 e quase 10% mais elevado que em 2006. No entanto, as melhorias estão começando a partir de uma base baixa: somente dois países alcançaram a paridade no parlamento e apenas quatro alcançaram paridade em funções ministeriais, de acordo com os últimos dados globalmente comparáveis.

O ritmo lento do progresso rumo à paridade de gênero, especialmente no âmbito econômico, apresenta um risco particular devido ao fato de que muitos postos de trabalho que empregam uma maioria de mulheres são suscetíveis a serem [atingidos de forma mais dura, proporcionalmente](#), pela chegada da era de ruptura tecnológica, conhecida como a Quarta Revolução Industrial. Esse “esvaziamento” de meios de subsistência do sexo feminino poderia privar ainda mais as economias do talento das mulheres e aumenta a urgência para que mais mulheres entrem em áreas de alto crescimento, como aquelas demandando habilidades STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática). “Mulheres e homens devem ser parceiros iguais em gerenciar os desafios

Índice de Desigualdade Global de Gênero (GGGI) 2016 - Top 10 Economias

GGGI 2016	País/Economia	GGGI 2015	
1	Islândia	1	→
2	Finlândia	3	↑
3	Noruega	2	↓
4	Suécia	4	→
5	Ruanda	6	↑
6	Irlanda	5	↓
7	Filipinas	7	→
8	Eslovênia	9	↑
9	Nova Zelândia	10	↑
10	Nicarágua	12	↑

que o nosso mundo enfrenta - e em colher as oportunidades. Ambas as vozes são fundamentais em assegurar que a Quarta Revolução Industrial entregue sua promessa à sociedade”, disse o Fundador e Presidente Executivo do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab.

Quais são os países com maior igualdade de gênero no mundo?

Com mulheres se beneficiando, em média, de apenas dois terços do acesso à saúde, à educação, à participação econômica e à representação política que os homens têm, um número de nações está emergindo para desafiar a tradicional hegemonia das nações nórdicas como as sociedades com maior igualdade de gênero no mundo. Enquanto as quatro nações líderes do mundo são **Islândia** (1), **Finlândia** (2), **Noruega** (3) e **Suécia** (4) – com a Finlândia passando a Noruega – a próxima nação mais bem colocada é **Ruanda**, que avança uma posição à frente da Irlanda indo para o 5º lugar. Seguindo a Irlanda, as Filipinas se mantêm na 7ª posição, seguida de perto pela Eslovênia (8) e a Nova Zelândia (9), ambas subindo uma posição. Com a Suíça caindo do Top 10, a 10ª posição foi assumida pela Nicarágua.

Em outras posições, os **Estados Unidos** (45) perderam 17 colocações desde o ano passado, principalmente devido a uma forma mais transparente de avaliação do rendimento de trabalho estimado. Outras grandes economias no Top 20 incluem **Alemanha** (13), **França** (17) e o **Reino Unido** (20). Entre o grupo do BRICS, a nação mais bem colocada segue sendo a **África do Sul** (15), que sobe duas colocações desde o ano passado, com melhorias em todos os pilares. A **Rússia** (75) é a próxima, seguida pelo **Brasil** (79). A **Índia** (87) ganha 21 colocações e passa a **China** (99) com melhorias na Participação e Oportunidade Econômica e Acesso à Educação.

Resultados regionais

Países da **Europa Ocidental** – incluindo as três maiores economias: França, Alemanha e Reino Unido – ocupam 11 posições do Top 20 no índice. Enquanto alguns países ainda têm muito a melhorar (a Itália caiu 9 colocações indo para o 50º lugar; a Grécia caiu 5, indo para 92º), a Europa eliminou 75% da sua desigualdade de gênero, mais do que qualquer outra região. No ritmo atual, poderia espera-se que a lacuna da desigualdade de gênero seja fechada em 47 anos.

Depois da Europa e da América do Norte, a região com a lacuna de desigualdade de gênero mais estreita é a **América Latina e o Caribe**. Com 70% de sua lacuna agora fechada, ela possui seis países que preencheram totalmente tanto a lacuna educacional quanto a de gênero, mais que qualquer outra região. Também se espera que no atual ritmo de melhorias, feche sua lacuna econômica de desigualdade de gênero dentro de seis décadas. Com a Nicarágua sendo o único país no Top 20, no entanto, o desempenho das maiores economias – Argentina (33), México (66), Chile (70) e Brasil (79) – é variado.

A região com a quarta menor lacuna na desigualdade de gênero é a **Europa Oriental e Ásia Central**, com quatro países – Eslovênia (8), Letônia (18), Estônia (22) e Lituânia (25) – no Top 25. A Eslovênia é um dos 10 países do mundo que mais subiram no índice desde 2006. Assim como na América Latina e Caribe, a região também diminuiu 70% de sua desigualdade de gênero global; no entanto, com o atual ritmo não se espera que feche sua lacuna econômica de gênero por outros 93 anos.

A região do **Leste da Ásia e Pacífico** vem em seguida, tendo diminuído 68% da sua desigualdade de gênero. Essa é uma região de forte contraste, com uma grande distância entre as sociedades mais igualitárias em questões de gênero, como as Filipinas e a Nova Zelândia, e os pesos pesados econômicos China (99), Japão (111) e Coreia (116). O passo lento de mudança nessas grandes nações em parte explica porque as atuais projeções sugerem que a região não fechará a sua lacuna econômica por outros 111 anos.

Quatro nações da **África Subsaariana** – Ruanda (5), Burundi (12), Namíbia (14) e África do Sul (15) – conseguem entrar no Top 20, mais do que qualquer outra região, com exceção da Europa Ocidental. A região diminuiu quase 68% da desigualdade de gênero; no entanto, dados sugerem que levará apenas 60 anos para a paridade econômica ser alcançada – muito menos do que outras regiões mais desenvolvidas no mundo. Mas, a alta participação de mulheres na força de trabalho tende a ser em postos de baixa qualificação, um fator que precisará ser considerado para garantir que a paridade econômica leve ao crescimento e inclusão.

O **Sul da Ásia**, com 67% de sua lacuna global fechada, é casa de dois dos 10 países do mundo que mais subiram no índice desde 2006: Nepal (110) e Índia (87). Mesmo assim, o progresso em diminuir a lacuna econômica tem sido negligenciável e pode levar mais de mil anos para acabar completamente a desigualdade econômica de gênero, a menos que os esforços sejam acelerados.

A região com a menor colocação – tendo diminuído 60% da sua lacuna global de desigualdade de gênero – é o **Oriente Médio e Norte da África**. Com apenas Israel (49) no Top 50 global, os próximos mais bem colocados na região são Qatar (119), Argélia (120) e os Emirados Árabes Unidos (124); Como no Sul da Ásia, o progresso considerando as desigualdades econômicas tem sido lento e não será terminado por mais 356 anos no ritmo de hoje. Apesar disso, é casa de algumas das nações que mais melhoraram desde 2006 em Participação Econômica, incluindo a Arábia Saudita, Bahrein e Iêmen.

“Essas previsões não são conclusões antecipadas. Em vez disso, elas refletem o atual estado do processo e servem como uma chamada para ação para os decisores políticos e outras partes interessadas para duplicarem os esforços a fim de acelerar a igualdade de gênero”, disse a chefe de Emprego e Iniciativas de Gênero e membro do Comitê Executivo do Fórum Econômico Mundial, Saadia Zahidi.

Notas para os Editores

Nossa hashtag: #gendergap16

Mais sobre o Top 10: <http://wef.ch/gggr16topten>

Relatório completo: <http://wef.ch/gggr16>

Nosso Mapa de Calor interativo: <http://wef.ch/gggr16map>

Metodologia: <http://wef.ch/gggr16methodology>

Mais sobre o trabalho do Fórum em Moldando o Futuro da Educação, Gênero e Trabalho: [aqui](#)

Outros blogs e opiniões: <http://wef.ch/gggr16blogs>

Siga a conversa no [Facebook](#), [Twitter](#), [LinkedIn](#) e WeChat usando davos_wef

O Fórum Econômico Mundial, empenhado em melhorar o estado do mundo, é a Organização Internacional para a Cooperação Público-Privada. O Fórum envolve os principais líderes políticos, empresariais e outros líderes da sociedade para moldar as agendas globais, regionais e da indústria. (www.weforum.org).



World Economic Forum, 91-93 route de la Capite, CH-1223 Cologny/Geneva
Tel. +41 (0)22 869 1212, Fax +41 (0)22 786 2744, <http://www.weforum.org>